

MÉTODO DESCRITIVO-SOCIOLINGUÍSTICO: ORALIDADE E REGIONALISMOS NA REGIÃO DE DOURADOS/MS

DESCRIPTIVE SOCIOLINGUISTIC METHOD: ORAL LANGUAGE AND REGIONALISM IN DOURADOS (MS) REGION

André Suehiro Matsumoto (IFMS)
Adriane Roberta Ribeiro Macedo (IFMS/UEL)¹

Resumo: Entendendo que a oralidade é o elemento pelo qual se pode depreender os valores culturais de uma comunidade, o presente estudo ressaltou a existência de regionalismos na linguagem falada, e isso foi constatado por meio do registro do discurso oral de falantes residentes na região de Dourados, assim a pesquisa se apoiou em recursos teórico-metodológicos dos estudos da sociolinguística laboviana que analisa as variações da língua, decorrentes de variantes linguísticas e/ou sociais (LABOV, 2008/1983 e TARALLO, 2007). Através do cenário sociolinguístico, a pesquisa realizou um levantamento de vocábulos presentes na linguagem oral dos sujeitos pesquisados. Este estudo valoriza a linguagem não padrão e reflete sobre o processo de variação e mudança linguística por meio da oralidade, interligando questões sociais, históricas e geográficas.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação; Léxico; Regionalismo.

Abstract: Comprehending that the oral language is the element by which we can apprehend the cultural values of a community, this study has highlighted the existence of regionalisms in the spoken language, and this was verified by recording the oral speech of some Portuguese speakers from Dourados (MS). Thus, the research was based in theoretical and methodological resources from the Labovian sociolinguistics, which analyze the language variations, derived from linguistic and/or social variations (LABOV, 2008/1983 and TARALLO, 2007). And by means of the sociolinguistic scenery, the research has made a survey of the vocables present in the oral language of the subjects interviewed. So, this study values the non-pattern language and considers the variation process and the linguistic change through the oral language, interconnecting social, historical and geographical matters.

Keywords: Sociolinguistics; Variation; Lexicon; Regionalism.

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz uma breve discussão da importância do suporte teórico-metodológico da Sociolinguística, nesse sentido alguns aspectos são considerados essenciais, como língua e sociedade, tendo em vista essa inter-relação, a oralidade é imprescindível numa investigação

1 André Suehiro Matsumoto, licenciado em Letras/Inglês. Docente temporário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul - IFMS- *Campus* Nova Andradina, andre.suehiro@gmail.com. Adriane Roberta Ribeiro Macedo, doutoranda pelo programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da UEL – Universidade Estadual de Londrina. Docente do IFMS – *Campus* Nova Andradina, adrianeroberta@uol.com.

de cunho descritivo-linguístico, assim os discursos orais se ancoram em perspectivas dos estudos sociolinguísticos e variacionistas propostos por Labov (1983/2008).

Diante disso, o foco da Sociolinguística é a língua em uso nas mais variadas comunidades linguísticas, interligando aos aspectos do sistema linguístico e os fatores sociais, diante disso, a língua passa a ser entendida como uma função sócio-comunicativa.

O território brasileiro se configura como um espaço que congrega várias comunidades linguísticas e Dourados não é diferente, pois na região coexistem povos de diferentes lugares e etnias, como paraguaios, japoneses, europeus, africanos, indígenas entre outros. Neste cenário temos a presença dos regionalismos que retratam este mosaico cultural existente, pois é preciso que haja uma valorização da oralidade marginalizada dos grupos de falantes minoritários, no sentido de verificar a importância da linguagem falada na construção dos valores culturais e linguísticos.

Desta forma, tornou-se necessário organizar este estudo em etapas, como a explanação dos conceitos de língua e sociedade e variação linguística interligado com o conceito de preconceito linguístico; a exposição dos métodos sociolinguísticos; o levantamento dos regionalismos no discurso oral dos entrevistados e por último as considerações finais.

Assim, este trabalho almeja contribuir para tornar visíveis as relações entre, história, linguagem e sociedade, e, de certa forma, fortalecer a cultura regional por meio de análise e descrições linguísticas.

LÍNGUA, SOCIEDADE E HISTÓRIA: INTERFACES

Ao refletir sobre a língua e linguagem, simultaneamente, acompanha-se de perto a evolução da sociedade, conforme a variação e mudança no tempo e no espaço sócio-histórico-geográfico.

Segundo Calvet (2002), surgiram muitos estudos e teorias para explicar o conceito de língua; uns dos principais linguistas que hoje são estudados para compreender tais conceitos são: Saussure, Meillet e Labov. Essas teorias pairavam em conflitos, que pareciam inacabáveis. Tais discussões eram para concluir se a língua tinha relação com o social, se ela era realmente um “fato social” como afirmou Ferdinand Saussure.

Uns dos assuntos linguísticos que foi muito debatido por Meillet (*apud* Calvet, 2002) foi a justaposição das dicotomias saussurianas (diacronia e sincronia), que Ferdinand as

distinguiu e as separava. Se de um lado tem-se a unificação, a associação de linguística interna e externa; do outro lado tem-se a dissociação, a separação. Antoine Meillet *apud* Calvet (2002) defende a ideia de que para a compreensão da língua e de como ela foi, ou é falada de determinada forma, é necessário levar em consideração os fatores externos à língua, pois a linguagem é eminentemente um fato social; ou seja, ela é o reflexo dos acontecimentos externos, tais como: os avanços tecnológicos, das modificações sociais, da escolaridade, do gênero e idade; pois a cada fase da vida utiliza-se vocábulos diferentes, e para cada nível de escolaridade também e assim por diante.

Portanto atualmente, num estudo sociolinguístico é necessário a descrição e análise social e histórica do objeto de pesquisa; ou seja, é primordial abordar os fatores linguísticos e extralinguísticos para a obtenção de um resultado consideravelmente satisfatório. Por isso Meillet *apud* Calvet (2002) busca abordar a estrutura da língua por meio da história, pelos acontecimentos sofridos ao longo do tempo; pois entende-se que é preciso remeter aos fatos passados para compreender o presente, como é feito na língua.

Por isso, identificar os fatores históricos, como as condições socioeconômicas de um grupo, a escolaridade e gênero; são imprescindíveis para o entendimento do funcionamento intrínseco da língua, pois estas duas dicotomias são suporte e lógica para a boa compreensão da estrutura linguística e como ela se concretiza.

Como foi explanado anteriormente, os fatores externos e internos da língua estão ligados entre si; língua e sociedade também.

Com o intuito de uma comunicação efetiva, as comunidades e grupos sociais utilizam a língua para a interação social. Essa ação recíproca permite que o indivíduo manifeste ideias e realize exposição dos pensamentos à comunidade por meio da oralidade; tendo assim a interação de um todo ao único e o único ao todo. Outro fator para a correlação entre sujeito, língua e sociedade é que cada indivíduo também modifica a língua a qual fala. Portanto, a língua falada tem uma intencionalidade, a comunicação; e como a linguagem oral indica elementos ancestrais (o regional, social, escolar e gênero), os aspectos societários se revelam na estrutura linguística.

Como se pode perceber, o falar é a representação do pensamento humano, portanto é um fato social, se a privarmos do contexto social, teremos uma abstração desprovida de sentido, sem ponderáveis explicações. Há também as variações linguísticas, que são as várias

formas do falar, como por exemplo, cita-se os dialetos regionais dos diversos grupos de falantes. Dessa forma, as variação e mudança de acordo com Labov (1983/2008) e Tarallo (2007), fazem parte destes contextos sociais, porque linguagem falada e variação linguística se encontram numa relação intrínseca.

Por isso, ao deparar-se à língua falada em dado momento, deve-se entender o processo a que ela sofreu para chegar a tal forma; ou seja, entender sua evolução e sua história. Compreendido isto, sabe-se que a sociedade muda, que cada época foi marcada por uma conquista ou evolução, e com ela, a língua também se transformou. E essas transformações deixaram marcas, construíram uma identidade, fizeram história. Entender as ocorrências passadas é analisar o presente e presumir o futuro; e tudo que está relacionada com os meios sociais, se relaciona com a linguagem. Sendo assim, a língua não se separa da sociedade, mas cada uma cumpre com a sua função; (BENVENISTE, 1989).

VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Como foi definida, em uma comunidade onde existe uma quantidade considerável de falantes, existe o dialeto padrão e o não padrão. Entende-se também, que a norma padrão está ligada às camadas sociais de prestígio e a não padrão aos estratos marginalizados. Contudo, essas variações demonstram que há uma separação entre o que é tido, pelo senso comum, como “correto” e o “não correto” na língua falada.

Tais separações ocasionam preconceitos e inculcam mitos equivocados do que é “certo” ou “errado” falar. Crenças de que quem fala conforme o que a gramática tradicional ensina são pessoas de nível superior ou que possuem *status* econômico e quem fala “errado” são pessoas sem instrução ou que não possuem um *status* socioeconômico privilegiado. Ou ainda, que falar português é “difícil”, que o falar do centro oeste brasileiro é um falar “caipira”, e que a fala “correta” é a do carioca; e entre outros mitos que não possuem explicações lógicas.

O preconceito é uma questão preocupante, e na língua, isso é ainda mais alarmante. Pelos conceitos já refletidos, percebe-se que a língua passou por vários processos estruturais, sejam mudanças sintáticas, morfológicas e fonológicas até ser falada como é atualmente. Esses processos carregam histórias e influências linguísticas de outras culturas. E se a língua é passiva de modificações ao longo do tempo, deve-se frisar que as mudanças são perceptíveis

na sociedade; pois se um grupo social se modifica, a língua sendo parte dela, também irá se alterar, evoluir.

Cada sociedade carrega consigo seus costumes, crenças e estilos de vida. Tudo isso se reflete na língua. Entender as particularidades regionais e identitárias é entender também a língua que é falada. Já foi dito que para cada faixa etária da vida são falados e utilizados vocábulos diferentes, e isso ocorre em diferentes grupos sociais; cada qual com suas particularidades linguísticas e vocabulário específico. Pois entender como tais grupos chegaram à determinada forma de falar é valorizar a história, a identidade e a cultura.

Assim, afirma-se que não há “falar correto” e/ou “falar errado”, pois numa visão sociolinguística o que existe é se a linguagem está adequada ou inadequada conforme o contexto de uso linguístico.

MATERIAIS E MÉTODOS DA PESQUISA

A pesquisa tomou como parâmetro os estudos sociolinguísticos que trabalha a variação linguística, encontrados na linguagem falada das pessoas, o *corpus* se constituiu de doze entrevistas realizadas com falantes do gênero masculino e feminino, agrupando em duas faixas etárias diferenciadas que são: de 30 a 50 e de 51 anos acima, subdividindo-se em níveis de escolaridade diferenciados, entre analfabeto e alfabetizado.

Considerando isto, a pesquisa foi realizada por meio de pesquisa de campo, baseada no suporte teórico-metodológico da Sociolinguística laboviana que analise as variações ocorridas na língua decorrentes de variantes linguísticas e/ou sociais (TARALLO, 2007), tendo como informantes os moradores na região de Dourados-MS. Desta forma, fez-se observação *in loco* e descrição por meio das entrevistas com os sujeitos pesquisados, refletindo por meio de perspectivas teóricas dos estudos variacionistas propostos por Labov (1983/2008).

O modelo de pesquisa proposto por William Labov (1983/2008) e seguido por Fernando Tarallo (2007) é o da sociolinguística quantitativa porque trabalha os resultados da pesquisa relacionados aos dados estatísticos, dessa forma, quando se trabalha com estas informações, simultaneamente, se aborda a diversidade linguística. Encaixam-se perfeitamente em diversidade as variantes linguísticas, pois é nelas que se encontram um vasto campo de possibilidades de usos linguísticos.

O modelo proposto por Labov (1983/2008) abarca as questões da variável e das variantes linguísticas. A variável é o resultado do agrupamento das variantes linguísticas. Essas variáveis significam as diferenças do falar de cada grupo social, de acordo com o contexto de uso da língua em espaço de interação linguística.

Com o objetivo de alcançar um resultado sistematizado, seguem-se etapas que são rigorosamente elaboradas para a finalidade almejada. Assim, adota-se o seguinte esquema a fim de obter um resultado preciso e sistematizado. Primeiramente se faz levantamento dos dados da língua; descrição detalhada da variável linguística; análise dos fatores linguísticos e não linguísticos; encaixamento da variável quanto à questão do sistema linguístico e social; análise da variável no campo histórico-social. Feito este esquema, obtêm-se um objeto de estudo sistematizado e objetivo.

Não se pode deixar de mencionar que cada etapa exige uma elaboração cuidadosa do material de pesquisa; a seleção dos informantes e do local onde ocorre a pesquisa; levando em consideração fatores externos como: faixa etária, classe social, nível de escolaridade, e etnia se houver.

Por outro lado, as variações linguísticas são aquelas consideradas de prestígio e de não prestígio. Em geral, a variação padrão sempre será a de prestígio e conservadora, e a não padrão está diretamente relacionada com as variantes inovadoras e estigmatizada pela sociedade.

Entendido isto, chega-se a um ponto importante para uma pesquisa sociolinguística; a definição do objeto de estudo, que no caso é o fato linguístico e a sua análise, tendo então os resultados, sempre atentando à língua falada, que é analisada em sua forma natural e espontânea.

ORALIDADE, REGIONALISMOS LÉXICOS E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: BREVE ANÁLISE DOS DADOS

Partindo do pressuposto de que a língua apresenta modificações através do contato com outras variantes linguísticas, considerando, inclusive os empréstimos linguísticos regionais, percebe-se que a parte mais vulnerável de uma entidade linguística é justamente o seu léxico.

Desta forma, é necessário conceituar o significado de léxico, que segundo Borba (2003), o léxico é tudo que vem a ser o conjunto de palavras; ou seja, o conjunto de palavras que caracterizam determinado grupo social é léxico, eles são signos operacionais pelos quais as pessoas exprimem suas ideias e sentimentos.

O léxico é a resultante da expressão social, pois é através deste, que se encontram materializadas na língua, todas as crenças e expressões culturais de um povo e estão inseridas no léxico ou no conjunto de palavras utilizadas por um grupo. Sendo assim, pode-se afirmar que o léxico é definido como o aporte de várias palavras, cada qual carregada de simbologias; para o uso e composição do vocabulário de uma comunidade específica, no caso do nosso estudo, a de Dourados-MS.

Fazendo um diálogo com a História, constata-se que o território brasileiro sempre sofreu interferências culturais e linguísticas de outros povos, em que se verifica a língua portuguesa falada no Brasil está diretamente relacionada aos aspectos históricos, um processo existente desde o período de colonização pelos portugueses, apesar das línguas nativas (tupi, guarani, etc.), terem sido oprimidas pelos colonizadores, hoje se percebe vestígios destas línguas na formação lexical no português do Brasil.

A época escravocrata influenciou também na formação do léxico da língua portuguesa brasileira através da presença de dialetos africanos. No decorrer do tempo, temos o registro da invasão de outras culturas dominadoras, como os franceses, os holandeses e os espanhóis. Outro fato histórico é o fluxo imigratório de várias etnias como a italiana, a alemã e a japonesa. Estes grupos étnicos trouxeram contribuições para o povo brasileiro e isso pode ser detectado por meio da inserção de vocábulos que são perceptíveis no português brasileiro.

Outra interferência a ser destacada na língua são os estrangeirismos, pois com o advento da globalização, as influências internacionais foram inevitáveis, principalmente as concepções ideológicas francesas entre os séculos XIX e XX e as interferências norte-americanas a partir do século XX até os dias atuais, assim se caracteriza por ser um processo de modificação constante inclusive na oralidade, revelando uma pluralidade identitária e cultural que deixam marcas em vários elementos, principalmente no que se refere à linguagem, isto é, o poder da vivacidade da língua em modificar e assimilar novas transformações reveladas pelos aspectos político, econômico e sociocultural.

Diante disso, a variação geográfica é essencial numa pesquisa sociolinguística, pois como se pode perceber, os lugares desenvolvidos economicamente tendem a sobrepor a sua forma de falar como variante padrão, entretanto, o local geograficamente populoso, ou seja, que apresentam uma considerável quantidade de falantes acaba evidenciando a forma padrão, a partir daí, ocasiona o conflito linguístico entre os grandes centros e o interior, muitas vezes esse “conflito” reforça o preconceito linguístico (BAGNO, 2007). Mas deve-se salientar que nessa relação social conflituosa que é estabelecida, vista pelo prisma das ciências do léxico, verifica-se um enriquecimento do vocabulário da língua, em que a questão geográfica deve ser compreendida em decorrências das variações históricas, pois se pode refletir sobre os processos de constituição de um povo, da sua cultura e da linguagem oral. Pois, os elementos históricos, sociais e identitários perpassam através da língua de um povo, justificando a importância da variação linguística presente em todo o processo.

Transpondo estas discussões teórico-reflexivas ao contexto descritivo, verificou-se que ao analisar o *corpus* constituído por doze informantes de escolaridades diferentes, percebeu-se que (M/ES/M30)² utiliza termos regionais como: “*chuleta*”, “*guisado*”, “*auto*” para retratar a região de onde veio. Percebe-se que são palavras diferentes, que são munidas de significados específicos construídos naquela região em que (M/ES/M30) morava, e que para a região que ela mora atualmente, as mesmas palavras possuem significações diferenciadas.

Foi encontrado vocábulos: “*roça*” e “*bulita*” em (Sr.D/EF/H50)³, quando este relata sobre sua infância. Tem-se um item em uma entrevista de (JPS/AF/H75)⁴, quando este diz “*lavouras*”, que é o cultivo de terras também pode ser associado ao vocábulo “*roça*”.

Constatou-se que o informante (A/EF/H30)⁵, quando estava relatando sobre a história de sua infância ocorrida no Estado do Paraná, utiliza em sua fala por várias vezes os termos: “*molecada*” e “*mulecada*” . Mas, conforme em algumas regiões isso pode ter conotação positiva ou negativa, no caso deste informante, fazendo uma análise semântica e pragmática, percebe-se que é uma definição dada a grupo de crianças.

2 M – inicial do nome – ES – Ensino Superior – M30 – mulher acima de 30 anos.

3 Sr.D – Senhor D; ensino fundamental, homem acima de 50 anos.

4 Iniciais do nome/alfabetizado/homem de 75 anos.

5 Homem, ensino fundamental com 30 anos.

Em dois informantes (ALF/PF/NA/H e M/48/50)⁶, que foram entrevistados ao mesmo tempo, constatou-se os seguintes termos em suas falas, “*ajuntado*” (do verbo ajuntar), “*quinzaú*”, “*rango*” (regionalismos relacionados à alimentação), visto que ambos relataram que vieram da região Norte do Brasil.

Os seguintes termos: “*bucha*” (esponja vegetal) , “*roça*”(pequena lavoura), “*sacu di istopa*”(estopa; espécie de fibra penteada), “*pilãu*” (recipiente utilizado para trituração de alimentos), “*pulenta*”, “*cuscus*” , “*mungunzá*”, “*buchada di bodi*”(vocábulo relativo ao campo culinário), todos estes regionalismos léxicos foram localizados na fala de uma mulher (FLG/EF/M47)⁷ que se auto-afirma ser da cultura árabe. Por meio deste levantamento, verifica-se, por exemplo, que através da culinária, é possível conhecer os elementos culturais que os informantes trazem consigo.

A informante (NLS/EF/66)⁸ durante sua entrevista diz que sua doutrina religiosa é a evangélica e o assunto predominante é sobre religião, teve um momento que ela pronuncia assim: “ *os meus pais já era crenti*”, considerando o termo destacado, os dicionários trazem a definição de que é aquela pessoa que possua fé, mas pragmaticamente falando, percebe-se que muitas pessoas usam este termo para denominar aquelas que são evangélicas.

Por fim, analisamos a última entrevista de (RMLC/EM/M51)⁹, que podemos elencar os léxicos da seguinte forma:

- “*bréjo*”(pântano) / “*mate doce*”(bebida feita com coco ralado e leite quente; geralmente consumida em dias frios)/ “*barril*”/ “*terrero*”(terreiro)/ “*pão(...)**Mandi*”(espécie de massa de trigo assada; pão) / “*quintal*” (pequeno terreno ao redor de casa)/ “*chácara*”(sítio)/ “*guri*”(o mesmo que criança, menino, etc.) / “*artero*”(travesso)/ “*breçar*”(frear; influência do verbo da língua inglesa “*to break*”)/ “*pendengando*” (de pendenga, que é repetido várias vezes).

É preciso salientar que o método descritivo-sociolinguístico aborda a linguagem oral por meio de amostragem, por isso a necessidade de delimitação de um *corpus* para tabulação de determinados dados. Então, pode-se concluir que os regionalismos léxicos representam os

6 Iniciais do nome do homem e da mulher e analfabeto apresentando idade , sendo um com 48 anos e outro com 50, respectivamente.

7 Mulher, ensino fundamental com 47 anos.

8 Mulher com 66 anos tendo a quarta série do ensino fundamental.

9 Mulher/ ensino médio incompleto com 51 anos.

traços culturais de um grupo, com valores, conceitos e crenças imbuídos em sua identidade regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste percurso, deve-se lembrar das dificuldades, consideradas de praxe numa pesquisa sociolinguística, e a principal delas, foi durante o processo de pesquisa de campo, no que consiste na coleta de dados, pois foi preciso, em alguns casos, a realização de três encontros para gravação das entrevistas. Pois a presença do aparelho gravador provoca certa inibição na fala dos informantes.

Constatado isso, adota-se algumas estratégias ao realizar a pesquisa de campo, o sociolinguista não deve se apresentar como estudioso da linguagem, porque isto pode constranger as pessoas entrevistadas, para evitar este fato, são elencados alguns questionários, relacionados ao cotidiano e as histórias de vida, e desta forma deixando os informantes se sentirem livres durante o diálogo. Outro fato que deve ser alertado, é durante a transcrição das entrevistas, percebe-se a tentativa de aproximação da norma culta quando o investigador está transpondo seu próprio discurso oral para o escrito.

Tendo em vista todos os conceitos a respeito de linguagem, pode-se afirmar que a língua e linguagem são extremamente necessárias para a vida em grupo, pois é ela que permite a comunicação e o intercâmbio de informações com o outro.

Compreender a língua não é só falar, ouvir e escrever, mas sim entender as suas particularidades e variações. E compreendendo como ela funciona de fato, é ao mesmo tempo respeitá-la; pois como pode alguém respeitar algo se não a compreende? Diante disso, este breve estudo abordou temas linguísticos que seria ideal se todos conhecessem, não para aprender a expressar conforme a língua padrão, ao contrário, entender como cada lugar tem a sua forma de falar, de manifestar seus sentimentos e ideias, e de que modo se chegou a tal característica, assim verifica-se a importância da história para fornecer informações sobre o passado.

O motivo desse breve estudo enfatizar a oralidade, pois é por meio da linguagem falada que se verifica a ocorrência da variação e mudança linguística, isto é, o contraste com que é estabelecido como “padrão” *versus* o “não padrão”, pois a variedade de prestígio considerada a formal se apresenta pela sua posição de objetividade e neutralidade, já a

informal, se caracteriza por demonstrar a diversidade linguística e cultural, prova disso são os regionalismos léxicos.

Por tudo isso, esta pesquisa de cunho sociolinguístico visou promover uma reflexão em relação ao objetivo da Sociolinguística variacionista, que é a descrição das línguas em sua diversidade funcional e social, dessa forma este trabalho teve o intuito de direcionar o foco para as questões relacionadas aos regionalismos léxicos, assim ressaltamos o caráter instigante deste estudo, pois desencadeia a relevância dos estudos culturais, regionais, históricos e linguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKIMIN, T. Sociolinguística parte I. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística** – domínios e fronteiras. Vol. 1, São Paulo: Contexto, 2001.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico** o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.

BORBA, F. da S. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: UNESP, 2003.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BRIGHT, W. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V e NEVES, M. E. (orgs). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CALVET, L-J. **Sociolinguística** - uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

ELIA, S. **Sociolinguística** – uma introdução. Rio de Janeiro. Padrão, 1987.

FISHER, J.L. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas. In: FONSECA, M. S.V e NEVES, M. E.(orgs). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

ISQUERDO, A. N. e OLIVEIRA, M.P.P. **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.

LABOV, W. **Modelos sociolinguísticos**. Madri: Cátedra, 1983.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTIN, R. **Para entender a linguística**. São Paulo: Parábola, 2003.

MONTEIRO, J.L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.